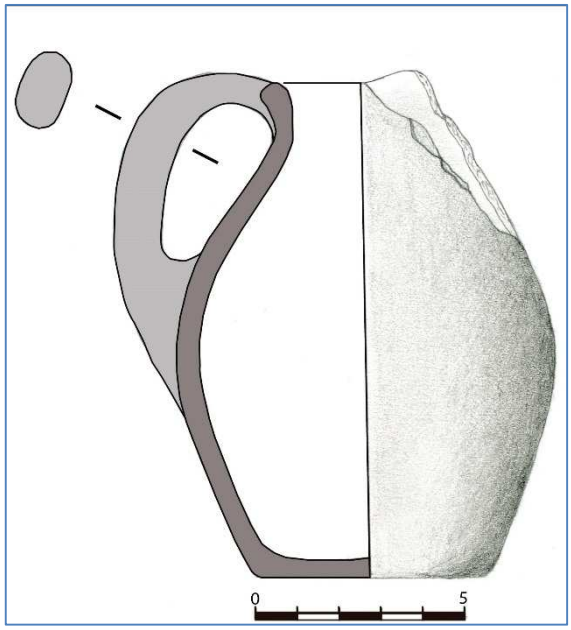
SCIENTIA ANTIQUITATIS



Novos dados sobre o megalitismo de Mora: a Anta do Pequito Velho (Mora, Portugal)
Leonor Rocha e José Mirão ……..…….. 3

FORTIM DO BALEAL 1 (PENICHE, PORTUGAL) – A CAMINHO DE UM CONCHEIRO
Luís Rendeiro 23

A ocupação pré-histórica da Gruta da Barroda 3 (Atouguia da Baleia, Peniche): uma análise preliminar
Luís Rendeiro, Adriano Constantino e Cátia Delicado 49

Museu Municipal de Marvão (Portugal). Origem da instituição museológica e constituição das colecções
Paula Morgado 79

FORTIM DO BALEAL 1 (PENICHE, PORTUGAL) – A CAMINHO DE UM CONCHEIRO

Luís RENDEIRO[1]

RESUMO

No decorrer das prospeções arqueológicas na Freguesia de Ferrel no âmbito da Carta Arqueológica, no concelho de Peniche, foi identificado um concheiro num local de passagem pedonal para um outro sítio arqueológico, identificado como Fortim do Baleal. Foi identificada uma pequena mancha de solos de tonalidades escuras, contendo vestígios de indústria cerâmica e lítica. Numa zona de corte foram identificados aglomerados de fauna malacológica, indústria lítica e alguma cerâmica.

A identificação praticamente nula de sítios cronologicamente similares a esta realidade no concelho de Peniche, faz com que, o sítio, mereça uma notícia, bem como uma diferente apreciação dentro daquele que é o panorama arqueológico conhecido da região de Peniche. Na fachada atlântica da Estremadura (Sintra, Mafra, Torres Vedras, Lourinhã, Nazaré) existem realidades análogas já identificadas e intervencionadas.

Palavras-Chave: Ferrel, Baleal, Prospeções Arqueológicas, Concheiro

ABSTRACT

During the archaeological prospections in Ferrel, part of the Archaeological Chart of Peniche, shell beds remains were identified in a foot path connecting to another acheological site, identified as Fortim do Baleal. There is a small stain of soils of dark hues was identified, containing remains of pottery and lithic industries.

In a cutting area there were identified remains of malacological fauna, lithic industry and some pottery shards. The practically null identification of chronologically similar sites to this presented reality, makes it that this site

[1] *Patrimonium* – Centro de Estudos e Defesa do Património da Região de Peniche/ constaborges@hotmail.com

deserves a more in-depth study, as well as different acknowledgement in what is the archaeological panorama known in the region of Peniche. In the neighbour towns of Lourinhã, Torres Vedras and Mafra there are analogous realities which have already been identified and interventioned.
Key-words: Ferrel; Baleal; Archaeological Prospects; Shell-midden

1. Introdução

As prospeções para realização da Carta Arqueológica de Peniche, tiveram início em finais de 2015, na freguesia de Ferrel, uma vez que, esta, foi uma das primeiras a apoiar este projecto de investigação da *Patrimonium*, quer a níveis logísticos, quer administrativos.

A entidade responsável pelo projecto Associação *Patrimonium* – Centro de Estudos e Defesa do Património da Região de Peniche, dirigida pelo signatário, responsável e coordenador científico da Carta Arqueológica de Peniche, e o arqueólogo Adriano Constantino, levaram a cabo um conjunto de prospeções arqueológicas por todo o território da freguesia. Numa visita às ruínas do Fortim do Baleal, foi identificada uma mancha de solos de tons escuros que continha alguma cerâmica pré-histórica e indústria lítica. Num corte anexo a essa mancha de dispersão, identificou-se um nível compacto de conchas, na sua maioria lapas e ostras bem como alguns líticos (ver Figura 1)

Figura 1. Caminho pedestre onde se localiza a mancha de dispersão e o corte conquífero. Baleal - Ferrel. **Fonte**: Foto de Luís Rendeiro

2 - Identificação do sítio arqueológico

A mancha de dispersão de materiais líticos e aglomerado conquífero que caracteriza este sítio arqueológico foi identificada durante a elaboração da Carta Arqueológica de Peniche, durante as prospeções levadas a cabo entre 2015 e 2016, na freguesia de Ferrel, pela Associação *Patrimonium*. A caracterização do sítio foi efectuada apenas através de prospecção, tendo-se identificado os limites da mancha e aglomerado conquífero denominando-se como sítio do Fortim do Baleal 1.

A referida mancha de solo de tons escuros (ver. Figura 2.), abrange toda a largura do caminho de acesso ao Fortim do Baleal, correspondendo a uma área com cerca de 4m de diâmetro. À superfície foi identificada alguma indústria lítica em sílex e cerâmica. Nos cortes existentes, identificou-se uma camada conquífera compacta, com cerca de 50cm (visíveis), que continha um aglomerado de fauna malacológica (ver Figura 2)

Por se localizar numa zona de passagem pedonal que dá acesso ao Fortim do Baleal, o sítio está infelizmente sujeito a elevadas alterações de superfície por meio humano. A erosão antrópica associada à erosão costeira, típica desta zona, acabam por deteriorar o sítio arqueológico, expondo o seu conteúdo a novas erosões.

Figura 2. **–** Corte onde é visível o aglomerado conquífero. Baleal -Ferrel. **Fonte**: Foto de Luís Rendeiro

3 - Localização geográfica

O Fortim do Baleal 1 (freguesia de Ferrel) pertencente ao Concelho de Peniche (Leiria). Identificado na Carta Militar de Portugal, 2006, escala 1: 25 000, folhas n.º 337 (ver Figura3), o sítio arqueológico está a uma altitude de 18m em relação ao nível do mar, e a sua localização geográfica é 39º 22’ 42.62’’N / -9º 20’ 27.85’’O.

O acesso ao local realiza-se através do ilhéu do Baleal, percorrendo a Rua Raul Brandão. Chegando ao Largo de Santo Estevão, onde se encontra uma pequena ermida com o mesmo nome, existe um caminho pedestre à esquerda, que permite o acesso ao Fortim do Baleal. O sítio arqueológico situa-se na vertente Sudoeste, no caminho de acesso ao Fortim.

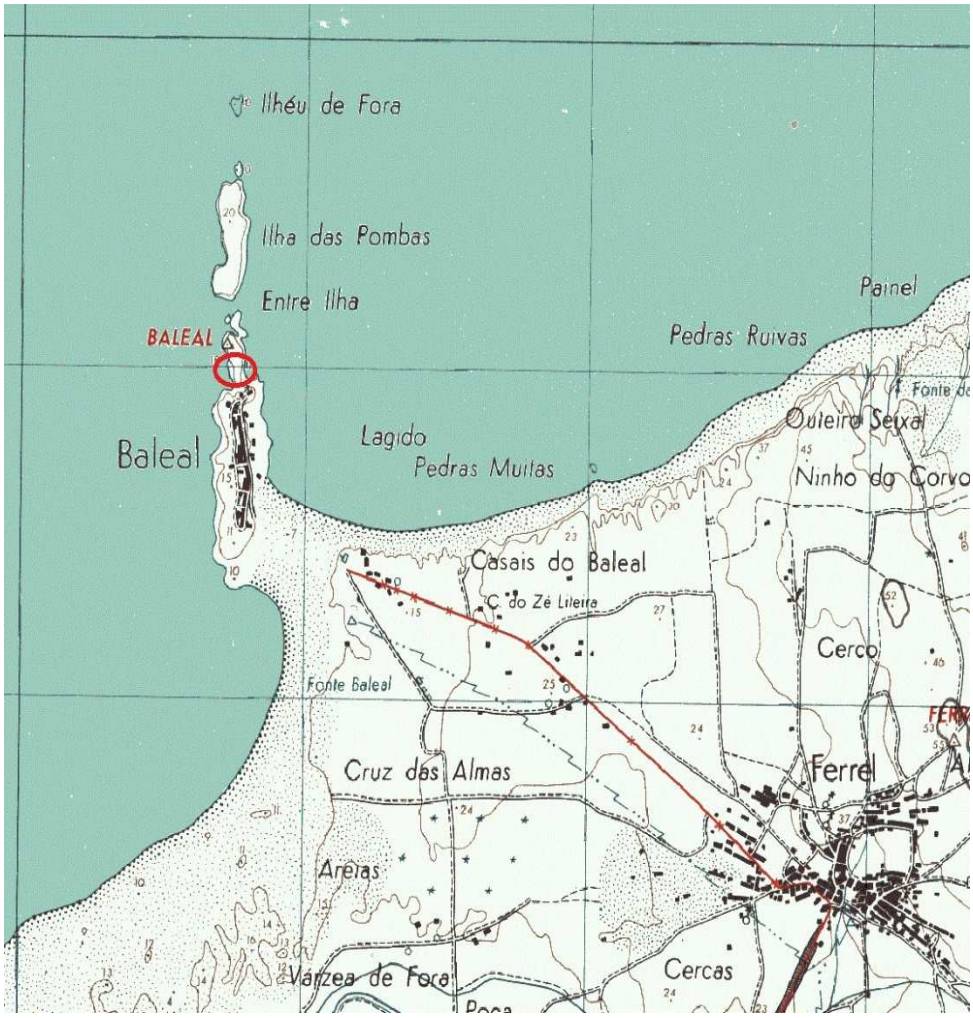


Figura 3 - Excerto da Folhas nº 337 (Peniche) da Carta Militar de Portugal (2006).

4 - Orografia, Geologia, Solos, Coberto vegetal e Clima

A Península do Baleal é formada pela ilha do Baleal, que se mantém ligada ao continente por um pequeno istmo de areias, e as duas ilhas mais a norte, a chamada Entre Ilhas e Ilha das Pombas, onde afloram rochas pertencentes à Formação de Cabo Mondego (margas, calcários margosos e argilosos fossilíferos) (AZERÊDO *et. al*., 2003).

A macrofauna descrita por Ruget-Perrot (1961) permitiu a datação das camadas presentes no Baleal (Bajociano superior - Batoniano inferior). São de facto afloramentos do Batoniano inferior que constituem os afloramentos do Baleal e ilha das Pombas, com a presença de calcários compactados em bancadas e formações do Bajociano. Este encontra-se representado por calcários margosos e calcários oolíticos com intercalações xistóides, tal como descreve a Notícia Explicativa da Carta Geológica de Portugal de 1:50 000, na folha nº 26C,1960 (FRANÇA, J. *et al*., 1960: 16-17).

O sítio arqueológico de Fortim do Baleal 1 situa-se numa zona de fácil controlo visual da paisagem onde é possível avistar o arquipélago da Berlenga, a oeste, e várias milhas de costa, a norte. Tendo em conta os estudos de Suzanne Daveau (1987), sobre a influência da transgressão flandriana na costa do actual território português e tendo em conta que o sítio por nós identificado, se situa num istmo pertencente ao ilhéu do Baleal, é de ter em consideração que, o relevo que hoje se apresenta na geomorfologia do território foi claramente alvo de mudanças ao longo do tempo. Segundo J. A. Dias, a estabilização do nível médio do mar ter-se-á dado há cerca de 5000 – 3000 anos BP, mantendo-se até à actualidade (DIAS, 2004). No entanto esta estabilização não é estática tendo em conta a variabilidade de mecanismos dinâmicos que influenciam as características do litoral e do oceano (Pancada, 2011: 34). Esta estabilização do nível do mar possibilitou a regularização e equilíbrio dos cursos de água, contudo, o oceano teria inundado a plataforma litoral, penetrando pelos vales fluviais que contribuiriam para um maior fluxo dos rios de Ferrel e São Domingos (RAMOS PEREIRA *et al,* 2008). Realidade que, aliás, através da observação da Carta Geológica de Peniche e dos

respectivos aluviões holocénicos, permite deduzir que, a linha de costa e o limite da foz do rio de Ferrel, se situaria próxima da actual povoação de Ferrel (PANCADA, 2011: 34), e por como tal, o sitio agora denominado como Fortim do Baleal 1 teria uma situação de caracter insular distante do continente por alguns metros (praticamente 1Km).

Toda a área envolvente ao sítio arqueológico está assente no afloramento calcário, já referido anteriormente. O uso dos solos naquele local, restringe-se apenas à finalidade enquanto local de passagem tem como único acesso, o Fortim do Baleal.

5 - Material arqueológico

O sítio arqueológico apresenta uma reduzida densidade de material mas as presenças parecem confirmar uma cronologia pré-histórica, possivelmente Neolítica, e uma funcionalidade relacionada com a exploração de recursos aquáticos (ver Figura 4).

Figura 4 - Mancha de dispersão dos materiais arqueológicos. Baleal - Ferrel.
Fonte: Foto de Luís Rendeiro

5.1 - Indústria Lítica

As matérias-primas base presentes para elaboração dos artefactos são o quartzo e o sílex. Em quartzito está presente um fragmento de núcleo que poderá ter sido posteriormente reutilizado como raspador *F.B1 06*. Em rocha sílex, um possível furador de pequenas dimensões *F.B1 07*, uma possível lamela com vestígios de uso F*.B.1 09*, um burril *F.B.1 03*, dois núcleos *F.B.1 05* e *F.B.1 04*, um flanco de núcleo *F.B.1 01* e duas lascas *F.B.1 02* e *F B1 08* (ver Tabela 4 e 5).

5.2 – Cerâmica

A presença de cerâmica é diminuta tendo sido identificados apenas dois fragmentos de bordo de cerâmica simples *F.B.1 19* e *F. B1 20* (ver Tabela 1) e nove bojos (ver. Tabela 2 e 3). Tratando-se de cerâmica manual, nenhuma das presenças permite avançar com um enquadramento crono-cultural.

Figura 5 - Aglomerado conquífero, pormenor de resto de fauna malacológica. Baleal - Ferrel. **Fonte**: Foto de Luís Rendeiro

5.3 - Fauna Malacológica

Atendendo que se poderá tratar dos restos de um concheiro, o corte que está exposto apresenta uma variedade de restos faunísticos bastante compactados (ver. Figura 5), tais como ostras - *Ostrea edulis F.B.1 24*, lapas - *Patella vulgata F.B.1 21* e *F.B.1 22*, e um búzio - *Charonia nodifera F.B1 24* (ver. Tabela 6). Estas espécies correspondem exclusivamente a substractos rochosos de ambientes atlânticos o que parece indicar uma ocupação de caracter logístico.

6 – Problemáticas e conclusões

O conhecimento sobre este tipo de contextos para a Estremadura portuguesa onde existe um amplo reaproveitamento de recursos marinhos para consumo humano, existe apenas desde meados da segunda metade do século XX.

Através de uma análise diacrónica das fases de ocupação do território, é possível observar um certo contraste entre as ocupações ocorridas no período Epipaleolítico/ início do Mesolítico – pré-boreal e boreal – e o Mesolítico Superior e Neolítico Antigo – período atlântico, sendo que a maioria dos achados se dispõem ao longo da linha de costa, onde surgem evidências de depósitos conquíferos (SOUSA e SOARES, 2016: 205). (ver Figura 6)

Para este panorama específico de ocupações onde existem fortes indícios a uma subsistência alimentar com base em recursos marinhos, alguns autores que apresentaram modelos explicativos de integração destes concheiros (ARAÚJO, 2003, 2011; SOUSA e SOARES, 2016; ZILHÃO, 2003; BICHO, 2009). Os primeiros concheiros do Holoceno teriam funcionado, segundo estes autores, como ocupações complementares aos assentamentos base, localizados mais para o interior.

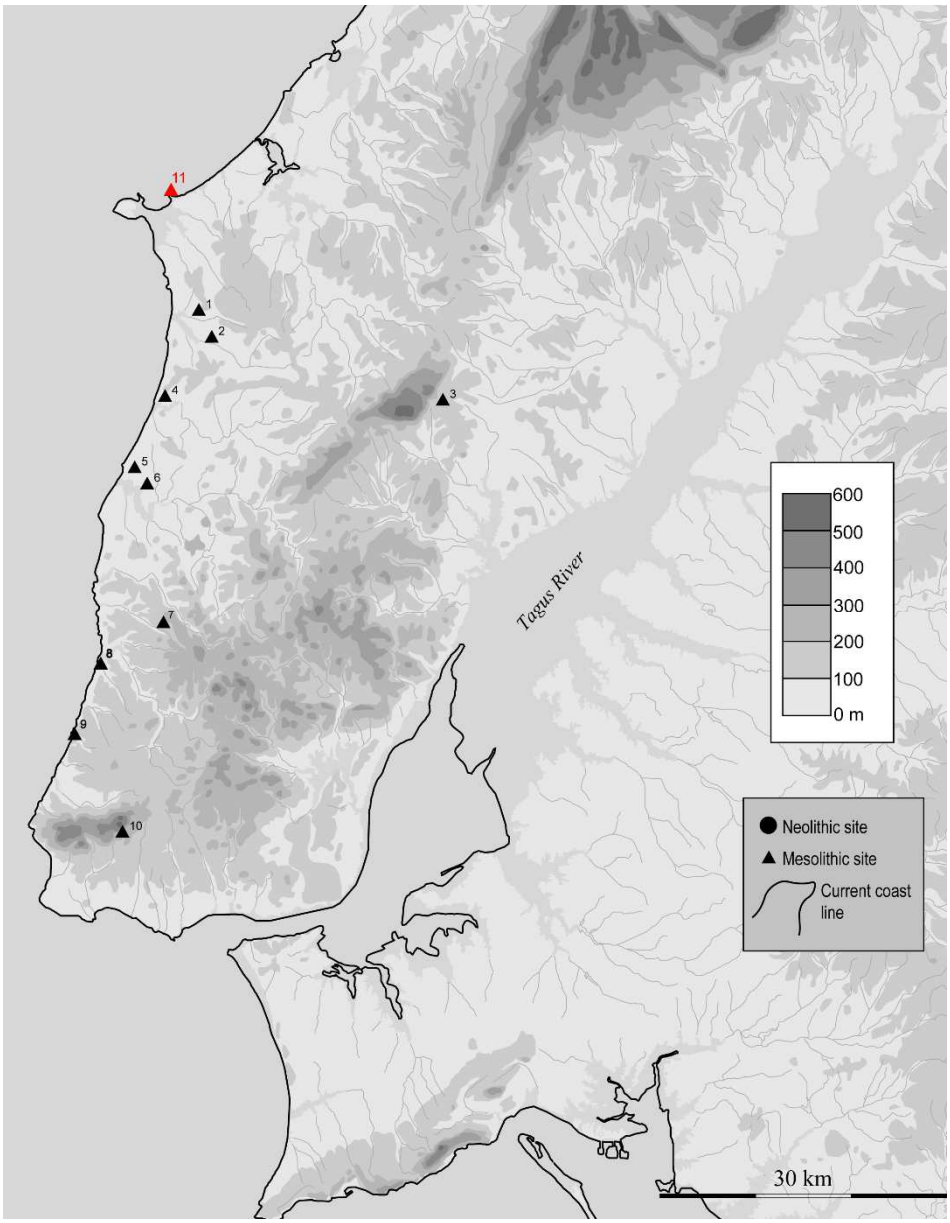


Figura 6 – Sítios do Mesolítico Antigo no Centro de Portugal (Estremadura). 1: Vale Frade; 2: Toledo; 3: Camarnal; 4: Ponta da Vigia; 5: Curral Velho; 6: Pinhal da Fonte; 7: Cova da Baleia; 8: São Julião; 9: Magoito; 10: Penha Verde; 11: Fortim do Baleal1. **Fonte:** Sousa e Soares, 2016 adaptado

Ana Cristina Araújo apresenta um modelo de alta mobilidade para estas realidades, sugerindo que, durante o Mesolítico antigo, os concheiros teriam uma função complementar, entre as várias áreas da Estremadura, e que estes funcionariam como modelo de subsistência sazonal. Este modelo seria aplicado a uma área muito mais vasta e com uma ocupação mais efectiva no interior da costa

litoral, usando como meio de deslocação e acesso, os cursos de água que se estendem para o âmago do continente (ARAÚJO, 2003: 110).

Estas deslocações foram comprovadas no sítio da Cova da Baleia (Mafra), onde foram intervencionadas 110 lareiras. O aparecimento nos níveis superiores, de um depósito com berbigão (*Cerastoderma edule)*, é demonstrativo de contactos com a linha costeira, num local que, actualmente dista da mesma cerca de 18km (Sousa e Soares, 2016: 205). As datações absolutas apontam para uma ocupação principal por volta da segunda metade do 8º milénio cal. BC, Mesolítico antigo e uma continuidade de ocupação em finais do 7º milénio (SOUSA *et al*,2008).

O vazio de ocupação antrópica durante o início do período atlântico tem sido alvo de explicações de caracter ambiental, com várias hipóteses avançadas por investigadores como João Zilhão, onde são avançadas hipóteses, de que este abandono pode estar associado a um evento de frio (8,2 Ka), que teria provocado alterações geomorfológicas e ambientais significativas (Zilhão, 2003). Mais recentemente, Nuno Bicho, apresentou datações que parecem apresentar uma cronologia para a ocupação da Ribeira de Muge (Salvaterra de Magos) após esse mesmo evento climático, que teria despoletado a submersão do vale de Muge com águas salobras, despoletando o aparecimento de bivalves estuarinos e surgimento dos primeiros concheiros (BICHO, 2009: 139; BICHO *et al,* 2010).

Este autor avança com a hipótese de que, é possível que a realidade ambiental que se conhece para a costa litoral da Estremadura portuguesa, no início do Holocénico, tenha tido um impacto negativo na fauna (SOUSA *et al*, 2016: 21). Este evento terá causado a diminuição do *upweling,* alterando a linha de costa e por consequência, também os estuários dos rios, onde a isto, se juntou uma quebra no coberto vegetal que terá contribuído para uma diminuição dos recursos cinegéticos (BICHO, 2009: 141).

Efectivamente, o evento 5 de Bond (8.2 Ka), produziu um efeito assinalável no meio ambiente. A enorme massa de água fria introduzida no Atlântico Norte, provocou uma abruta subida do nível médio das águas do mar e a sua consequente descida de temperatura. Esta redução de temperatura terá por certo contribuído para o abandono de sítios da costa marítima da Estremadura, e não tanto o upweling costeiro, como sugere Ana Catarina Sousa e António Monge Soares (SOUSA *et al*, 2016: 21). Certamente as alterações, como as já referidas e que implicam uma mudança drástica das características paleo-ambientais, terão afectado o nível de preservação destas ocupações humanas no litoral, durante o início do período Atlântico.

Para cronologias mais tardias na cronozona do Atlântico, na Estremadura, são praticamente nulos os sítios de forte subsistência de recursos aquáticos marinhos.

Em São Julião (Mafra), os *loci* C-D, apresentam datações radiocarbono que os enquadram em cronologias do Mesolítico final da Estremadura Portuguesa (SOUSA *et al,* 2016), as únicas da Estremadura portuguesa.

As intervenções dos quatro núcleos de São Julião e as suas datações por radiocarbono permitiram identificar um período ocupacional situado entre o 7º milénio a.C até aos meados do 6º milénio a.C, tendo pontualmente uma reocupação no 3º milénio a.C.

A escassez artefactual e a praticamente exclusiva presença de fauna malacológica associadas a estruturas de combustão de uso expedito, demonstram uma continuidade no modelo de ocupação cujas evidências indicam curtas permanências no local, muito provavelmente apenas de cariz logístico (SOUSA *et al*, 2016: 21).

Alguns concheiros apresentam contudo ocupações Neolíticas, como o concheiro do Magoito (Sintra) (*idem ibidem),* com cronologias do 5º e 4º milénios e o sítio do Meu Jardim,na Nazaré, que através da única datação disponível até ao momento, obtida sobre uma amostra de conchas de berbigão proveniente da U.E. 3052, da Sondagem 3

(Fase III da ocupação), aponta uma cronologia entre o final do 5º e início do 4º milénio a.n.e correspondente ao Neolítico Antigo e Médio (VALERA *et al.* 2017:8). Esta realidade não confere uma menor importância à presença de recursos marinhos em ambiente habitacional, como se verifica no Neolítico antigo de Lameiras – Sintra (DAVIS *et al*, 2018:130) e Neolítico final/Calcolítico de Penedo do Lexim (Mafra) e Casal Cordeiro 5 (Mafra) (SOUSA *et al*, 2016: 22).

Tendo em conta sempre algumas precauções, será de ressalvar que, para realidades da Estremadura portuguesa, as ocupações antrópicas para realidades cronológicas antes do início do Neolítico, são escassas (ver Figura 7). A cerâmica cardial na Estremadura é rara em sítios com cronologias antigas como Carrascal -Oeiras, São Pedro de Canafrim ou Lameiras – Sintra (SOUSA e SOARES, 2016: 205; SOUSA, 2016/2017).

Na Costa do Sudoeste é possível observar uma situação bem diversa, com continuidade de exploração dos recursos aquáticos, (SOUSA *et al*, 2016: 21). Joaquina Soares avança mesmo com uma logica de povoamento em que acampamentos especializados numa economia estuarina, onde são escassos a fauna malacológica e uma quase exclusividade de um grande número de conchas, verdadeiros depósitos conquíferos. Com escassos vestígios de artefactos e áreas ocupadas reduzidas, que pela sua ocupação vertical demonstram sucessivas ocupações expeditas (SOARES, 1995).

Será este modelo de habitat, com uma lógica de complemento económico a estas comunidades pré-históricas agro-marítimas, que se encontra representado na Costa Sudoeste (SILVA e SOARES, 1997:104)

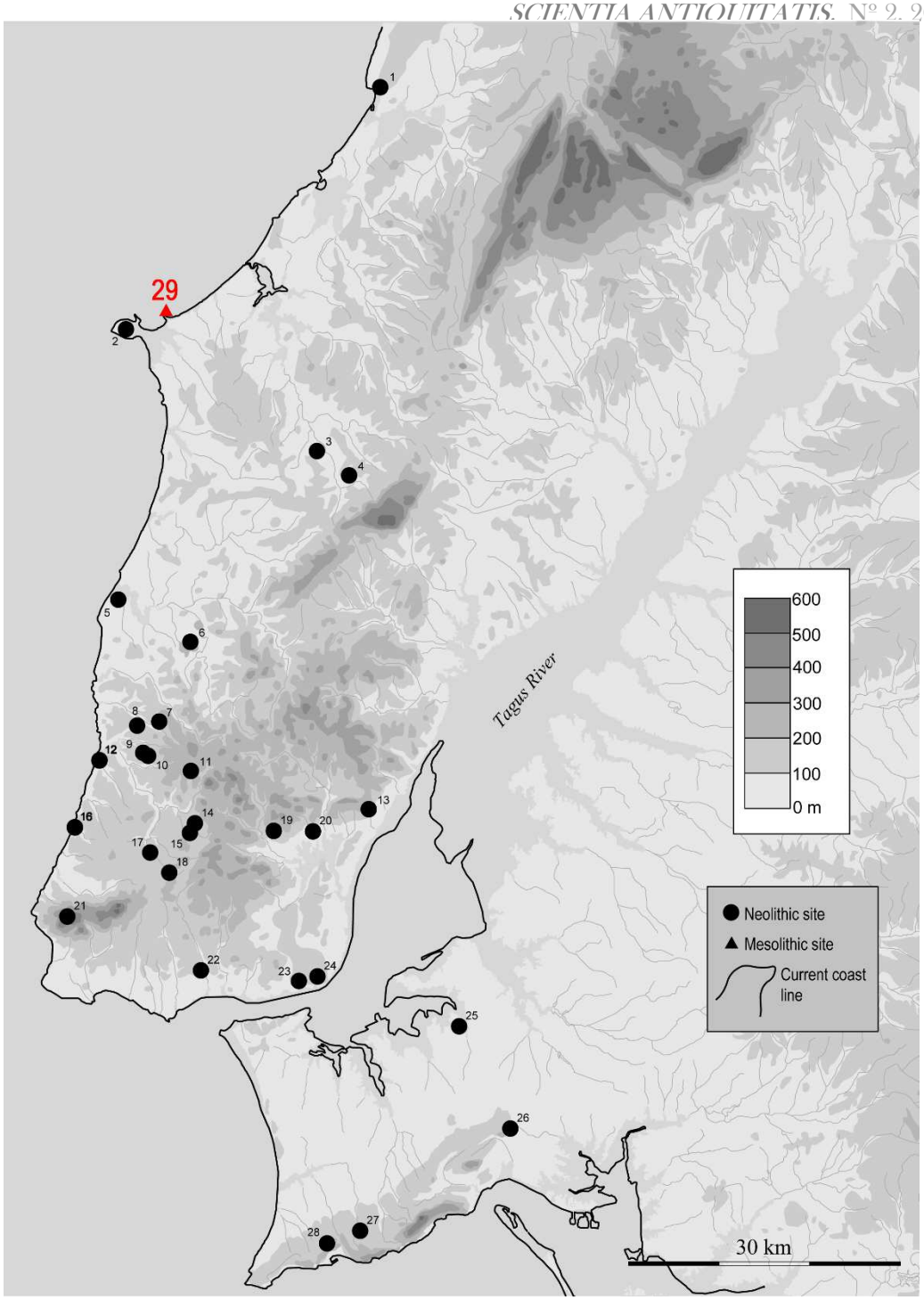


Figura 7 – Sítios do Neolítico Antigo no Centro de Portugal (Estremadura) 1: Meu Jardim; 2: Furninha; 3: Lapa Suão; 4: Gruta das Pulgas; 5: Cova da Moura; 6: Vale da Mata; 7: Cova da Baleia; 8:Sobreiro; 9: Gorcinhos; 10: Gonçalvinhos; 11: Cabeço Alcainça;12: São Julião; 13: Moita da Ladra; 14 and 15: Negrais; 16: Magoito; 17: Lameiras; 18: Cortegaça; 19: Correio Mor;20: Salemas; 21: São Pedro de Canaferrim; 22: Carrascal; 23: Palácio Lumiares; 24: Encosta de Santana; 25: Gaio; 26: Casal da Cerca; 27: Fonte de Sesimbra; 28: Lapa do Fumo;29: Fortim do Baleal1. **Fonte**: Sousa e Soares, 2016 adaptado

Nas proximidades do sítio Fortim do Baleal 1, a 8Km, merece destaque a ocupação a Gruta da Furninha (Peniche), onde na sequência estratigráfica daquela gruta, está patente uma fase de ocupação de comunidades do Neolítico Antigo. Sítio paradigmático da Arqueologia portuguesa foi escavado, entre 1865 e 1880, por Nery Delgado, na época com assinalável rigor científico (DELGADO, 1879/80: 19-20; DINIZ, 1993) mas que hoje, exige uma revisão completa dos materiais. A cultura material indica claramente a presença de ocupação do Neolítico antigo, patente na presença de cerâmicas e de materiais líticos.

Respeitante à cerâmica, naquilo como originalmente Jean Guilaine e Octávio Veiga Ferreira e definiram como "*horizonte da Furninha*", caracterizado segundo estes dois investigadores, como fase de evolução epicardial do Neolítico antigo, onde afirmavam que as cerâmicas pertencentes a este horizonte derivam das cerâmicas cardiais, sem, no entanto, recorrer a técnica através da concha do berbigão *cardium edule* (GUILAINE, e FERREIRA, 1970: 320). O conjunto cerâmico da Furninha é constituído por recipientes e fragmentos com decorações obtidas através de incisão, espatulado, impressa ou plástica (*idem, ibidem*).

Tal como afirma João Luís Cardoso e António Faustino Carvalho, o enquadramento crono-cultural proposto por Jean Guillaine e O. da Veiga Ferreira, é ainda válida num modo geral no que respeita as cronologias do Neolítico Antigo (CARDOSO e CARVALHO 2010/2011: 362). Para além das cerâmicas, refira-se a presença de machados de anfibolito, que pelas suas características aproximam-se dos exemplares do Neolítico antigo identificados na gruta do Caldeirão (ZILHÃO, 1997), ou Casa da Moura, cerca de 10 Km, a Este, no planalto das Cesaredas, onde são presentes também cerâmicas do Neolítico antigo (CARREIRA e CARDOSO, 2001/2002).

Não podemos deixar de referir que apenas existe datações absolutas para a ultima fase de ocupação desta gruta, que remetem para a passagem entre o 4º e 3º milénio a.c (*idem ibidem*: 386)

O sítio inédito do Fortim do Baleal1, parece configurar uma tipologia de sítio de tipo " concheiro". No actual concelho de Peniche, este tipo de contexto parece repetir-se no sítio inédito de Serra D'el Rei (Peniche), situada a 10km para o interior da linha de costa actual, onde se identificou, segundo informação disponível, de uma mancha durante que parece ser atribuível a um concheiro, contudo os trabalhos de execução do Itinerário Principal nº 6 (IP6), não identificaram nenhum vestígio atribuíveis a um contexto de concheiro (ROBERTO *et al*, 2002/2003: 46)

Nos concelhos vizinhos de Lourinhã, Nazaré, Torres Vedras e Mafra, existem igualmente concheiros que nos trazem algumas problemáticas, relacionadas com a exploração de recursos aquáticos que, só novos estudos e o surgimento de mais sítios arqueológicos inseridos na mesma tipologia permitirão a compreensão destas realidades.

As investigações associadas a este tipo de sítio ainda se encontram em fases precoces da pesquisa, sendo essencial proceder à escavação do concheiro para uma caracterização efectiva e futuras datações absolutas.

Talvez num futuro próximo, sejamos capazes de compreender a dinâmica de utilização destes espaços e as deslocações das comunidades pós glaciares, as suas sazonalidades e a relação destes locais de frequência temporária com os acampamentos base, mais distantes da linha costeira.

Bibliografia

ARAÚJO, Ana Cristina (1994a) - O concheiro epipaleolítico do Cabeço do Curral Velho (Cambelas, Torres Vedras). *Actas das 5ªs Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. 2, p. 43-51

ARAÚJO, Ana Cristina (1994b) - A estação mesolítica do Forno da Telha (Rio Maior). *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Vol. 1, p. 15-44.

ARAÚJO, Ana Cristina (1998) - O Concheiro de Toledo (Lourinhã) no quadro das adaptações humanas do PósGlaciar no litoral da Estremadura. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Vol. 1:2, p.19-38.

ARAÚJO, Ana Cristina (2003) - O Mesolítico inicial da Estremadura. In Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. *Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo.* Trabalhos de Arqueologia. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Vol. 25, p. 101-114.

ARAÚJO, Ana Cristina; ZILHÃO, João (1991) - Arqueologia do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros. *Colecção Estudos***,** Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Vol.8.

AZERÊDO, Ana Cristina; DUARTE, Luís Vítor; HENRIQUES, Maria Helena; MANUPPELLA, G. (2003) - Da dinâmica continental no Triásico aos mares do Jurássico Inferior e Médio. *Cadernos de Geologia de Portugal*. Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro.pp.05 - 55.

BICHO, Nuno (2009) – Sistemas de povoamento, subsistência e relações sociais dos últimos caçadores-recolectores do Tejo, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Vol. 17, p. 133 – 156.

BICHO, Nuno; UMBELINO, Claudia; DETRY, Cleia; PEREIRA, Telmo (2010) – The Emergence of Muge Mesolithic Shellmiddens in Central

Portugal and the 8200 cal. year BP Cold Event. *The Journal of Island and Coastal Archaeology*. Vol. 5:1, p. 86 – 104.

BREUIL, Henri; ZBYSZEWSKI, Georg (1945) - Contribution a l'etude des industries paleolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la geologie du Quaternaire. Les principaux gisementsdes plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses fuviales de la bassevallée du Tage. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal.* Lisboa: XXVI. p. 678.

CARDOSO, João Luís; CARVALHO, António Faustino (2010/2011) - A gruta da Furninha (Peniche): Estudo dos Espólios das Necrópoles Neolíticas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras:Câmara Municipal de Oeiras. Vol. 18, p. 333-392.

CARREIRA, Júlio Roque; CARDOSO, João Luís (2001 – 2002) – A Gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Vol. 10. p. 249–361.

CARVALHO, António Faustino (2003) - O Neolítico antigo no Arrife da Serra d'Aire. Um casestudy da neolitização da Média e Alta Estremadura. *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo.* Trabalhos de Arqueologia. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Vol.25, p. 135-154.

DAVEAU, Suzanne (1980) - Espaço e tempo. Evolução do ambiente geográfico de Portugal ao longo dos tempos pré-históricos. *Clio.* Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa. Vol. 2, p. 13-37.

DINIZ, Mariana (1993) - A gruta da Furninha, Peniche. J. Medina (dir). *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. Vol. I, p. 177-179.

GONÇALVES, Vítor S; SOUSA Ana Catarina; MARCHAND, Gregor (2013) – Na margem do Grande Rio. Os últimos grupos de caçadores recolectores e as primeiras sociedades camponesas no Guadiana médio. Évora. *Memórias d'Odiana.* DRCALEN, EDIA. Vol.12. p. 616.

GUILAINE, Jean; FERREIRA, Octávio da Veiga (1970) – Le Néolithique ancien au Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique Française. Études et travaux.* Paris. Tome: 67, nº1. p. 304-322.

HELENO, Manuel (1956) - Um quarto de século de investigação arqueológica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Museu Nacional de Arqueologia. Nova série, Vol. 3. p. 221-237.

MACHADO, João Luis Saavedra (1965) - Subsídios para a História do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Museu Nacional de Arqueologia. Nova série, Vol.5. p.14-48.

PANCADA, Raquel M. Paixão (2011) – *Avaliação da Vulnerabilidade Biofísica do Sistema Dunar de Peniche - Baleal.* Dissertação apresentada para grau de Mestrado em Geografia Física e Ordenamento do Território. Instituto de Geografia e Ordenamento do Território. Universidade de Lisboa. Lisboa. Policopiado.

PEREIRA, Ana Ramos e CORREIA, Eulália Borges (1985) - Duas gerações de dunas consolidadas em S. Julião, Ericeira (Portugal).1985. *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. Vol.1, p. 323-337.

PEREIRA, Ana Ramos (2008) - *Programa de Sistemas Litorais: dinâmicas e ordenamento*. Linha de Investigação em Dinâmica Litoral e Fluvial. *DILIF 5*. Lisboa. Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa, 114p.

ROBERTO, Sílvia; VALINHO, Alexandre Tiago dos Santos; GERVÁSIO, Ana Sofia dos Santos; GONÇALVES, Anabela Ferreira; GOMES, Luís Filipe; PERDIGÃO, Paula; ABRANCHES, Paula; CARVALHO Pedro Manuel Sobral de; HENRIQUES, Susana (2002/2003) - *Acompanhamento Arqueológico da Empreitada de Construção do IP6 - Lanço Peniche-IC1 (Nó com a Variante das Caldas da Rainha entre o KM 13+800 e a Auto-Estrada A8.* 1- 194. Acedido em: 04 de dezembro, 2018 em http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/

ROWLEY-CONWY, Peter (1993) - Mesolithic animal bones from Forno da Telha, Portugal. *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Trabalhos de Antropologia e Etnologia.Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Vol.33:12, Tomo I, p. 45-50.

SALVADO, Maria da Silva (2004) - Apontamentos sobre a utilização do osso no Neolítico e Calcolítico da Península de Lisboa: As colecções do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português.* Lisboa. Suplemento 2.

SILVA, Carlos Tavares; SOARES, Joaquina (1997) – Economias Costeiras na Pré-História do Sudoeste Português – O Concheiro de Montes de Baixo. *Setúbal Arqueológica.* Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS). Vols.11-12. p.69-108

SIMON, J.M. Davis; GABRIEL, Sónia; SIMÕES, Teresa (2018) - Animal remains from Neolithic Lameiras, Sintra: the earliest domesticated sheep, goat, cattle and pigs in Portugal and some notes on their evolution. *Archaeofauna*, Madrid: International Journal of Archaeozoology. Vol. 27. p. 93 – 172

SOARES, Joaquina (1995) – Mesolitico-Neolitico na Costa Sudoeste: transformações e permanências. Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular VI. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Vol. 35-2. p. 27-45

SOUSA, Ana Catarina (2016/2017) – Os tempos do Neolítico na região de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Vol. 23. p. 459-518.

SOUSA, Ana Catarina; MIRANDA, Marta; SOARES, António Monge (2016) - O Concheiro de São Julião (Carvoeira, Mafra): as intervenções de 2007 e 2014, novos dados e novas leituras. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Direção Geral do Património Cultural. Vol. 19. p.11–26.

SOUSA, Ana Catarina; SOARES, António Monge (2016) — Continuity or Discontinuity? The Exploitation of AquaticResources in the Portuguese Estremadura during the Atlantic Period: the São Julião and

Magoito Shell Middens as Case Studies. Archaeology of maritime hunter-gatherers from settlement function to the organization of the coastal zone. *Actes de la Scéance de la Société préhistorique française.Rennes*. SÉANCES DE LA SOCIÉTÉ PRÉHISTORIQUE FRANÇAISE. Paris*:* Société préhistorique française. Vol. 6. p. 191-211.

SOUSA, Ana Catarina; GIBAJA BAO, Juan.; MAZZUCO, Niccolò.; MIRANDA, Marta.; TERESO, João Pedro; OLIVEIRA, Cl.; GONÇALVES, Vítor S. (2018) - Clay combustion structures in early Mesolithic at Cova da Baleia (Mafra, Portugal): Approaches to their functionality. *Journal of Archaeological Science*. Vol. 18. p. 984–999.

VALERA, António Carlos; SANTOS, Helena (2010) – O concheiro do Neolítico antigo do "Meu Jardim" (Nazaré): informação preliminar. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. NIA - O Núcleo de Investigação Arqueológica da Era Arqueologia. Vol.6. p. 21 – 28.

VALERA, António Carlos; CARVALHO, António Faustino; GOUFA, Eliana (2017) - O concheiro do Meu Jardim (Nazaré) no contexto das estratégias de produção e circulação de suportes lâmino-lamelares no Neolítico Médio da Estremadura Portuguesa. *Journal of Lithic Studies*. Edinburg: School of History, Classics and Archaeology, University of Edinburgh Vol. 4:3. p. 1-24

ZBYSZEWSKI, Georg (1970) - Indústrias paleolíticas da região de Peniche.1970. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Museu Nacional de Arqueologia. 2ª Série, Vol.4. p.19-40.

ZILHÃO, João C. (1997) - *O Paleolítico Superior da Estremadura portuguesa*. Sector da Cultura/Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo "Alexandre Herculano". Lisboa: Colibri, 2 Vols. p. 33-65

ZILHÃO, João (2003) – The Neolithic Transition in Portugal and the Role of Demic Diffusion in the Spread of Agriculture across West Mediterranean Europe, in A. J. Ammerman and P. Biagi (eds.), *The Widening Harvest. The Neolithic Transition in Europe: Looking back, Looking forward.* Boston, Archaeological Institute of America (Colloquia and Conference Papers, 6), p. 207 – 223.

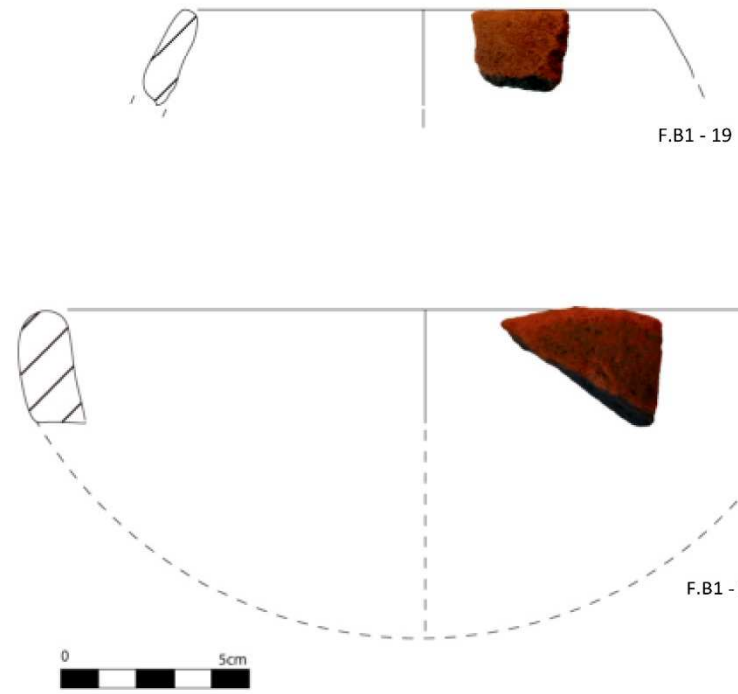
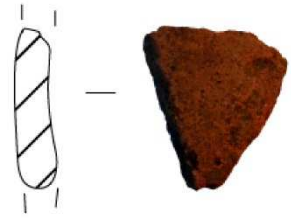
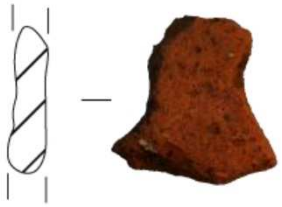


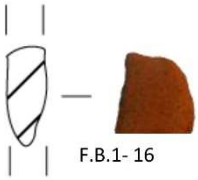
Tabela 1 – Bordos de cerâmica



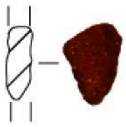
F.B.1 - 14



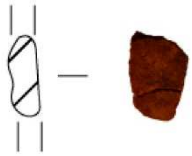
F.B.1 - 15



F.B.1- 16

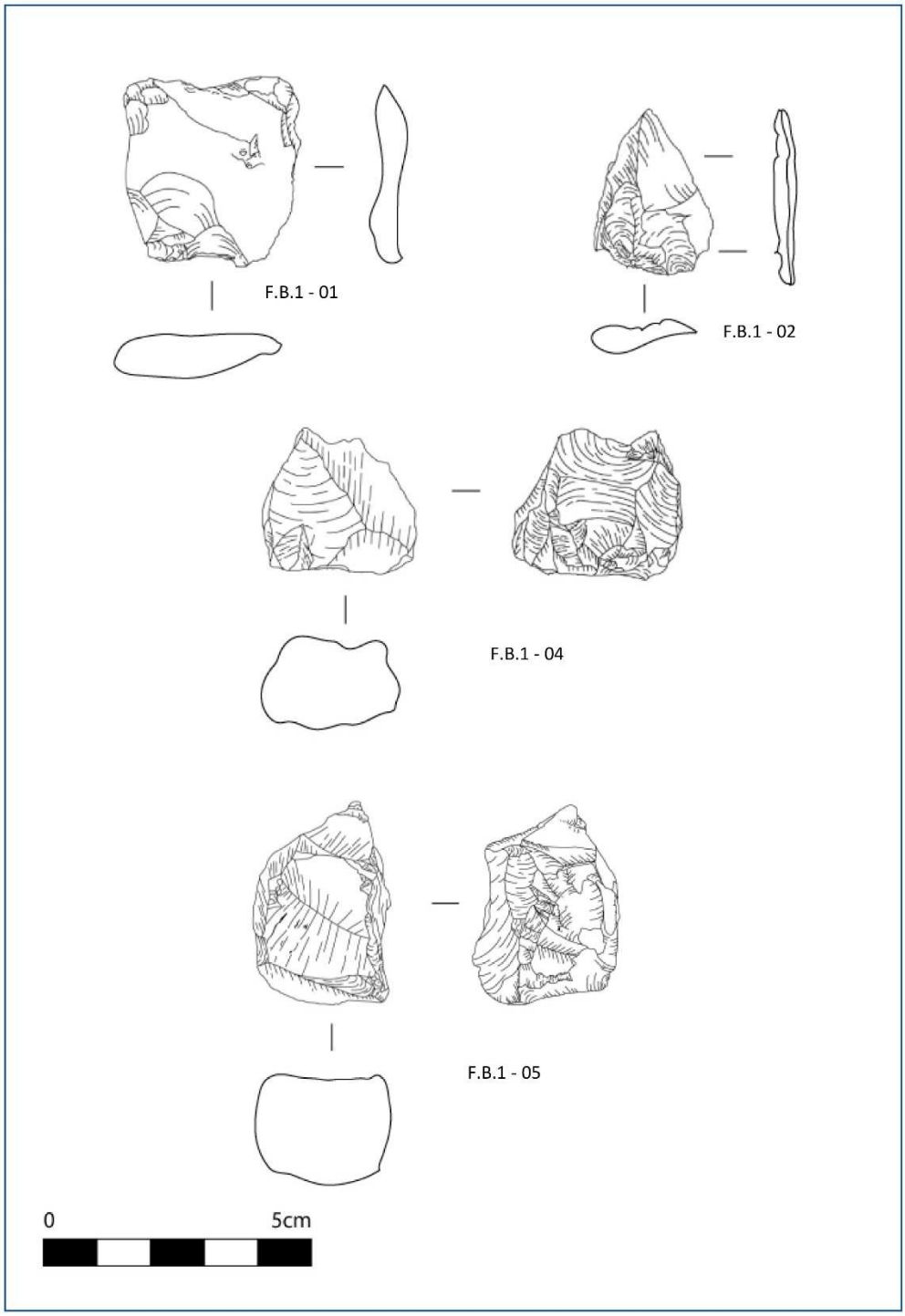


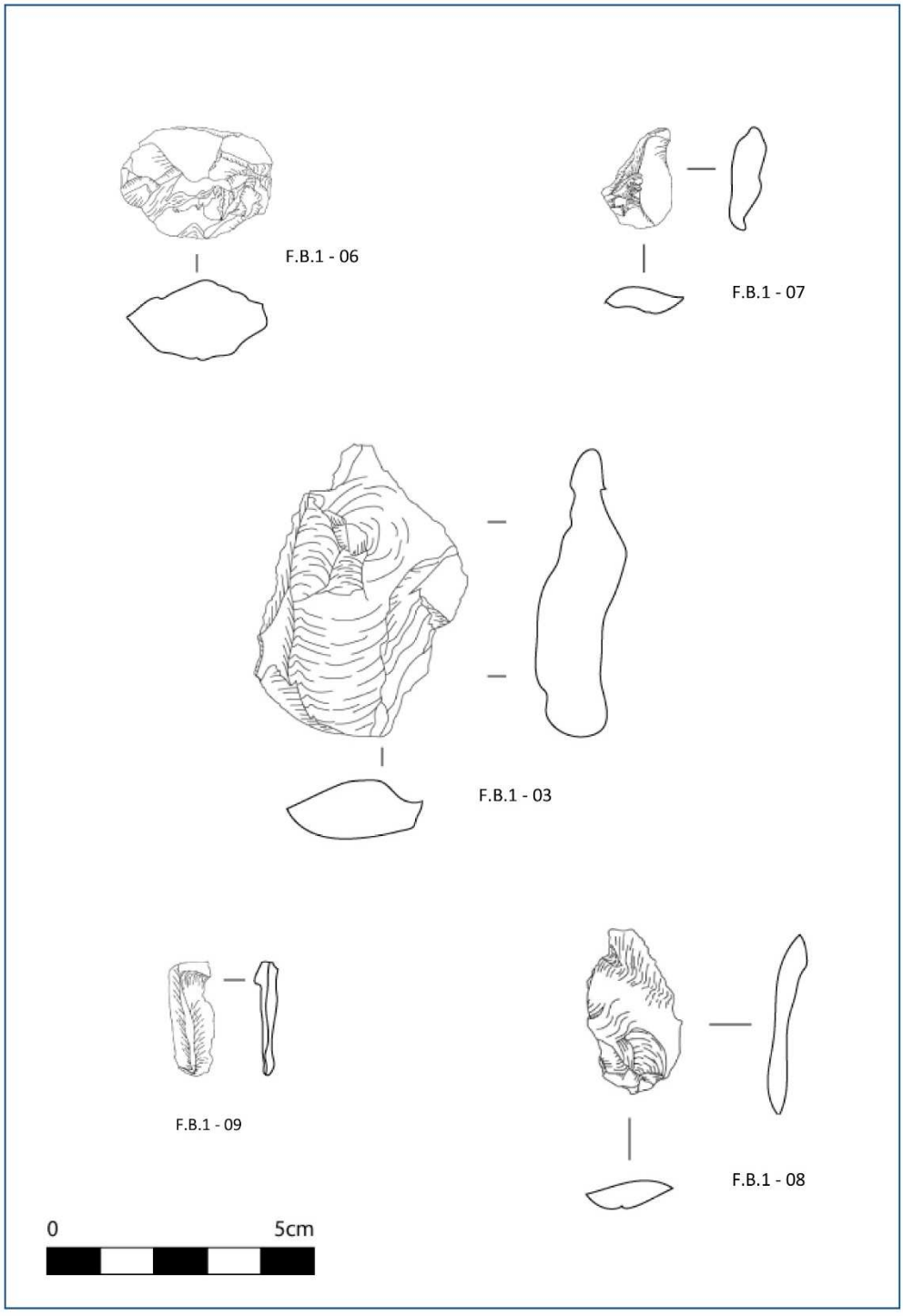
F.B.1 - 17



F.B.1 - 18

Tabela 3 – Bojos de cerâmica


F.B.1 - 01
F.B.1 - 02
F.B.1 - 04
F.B.1 - 05
0
5cm


F.B.1 - 06
F.B.1 - 07
F.B.1 - 03
F.B.1 - 09
F.B.1 - 08
0
5cm

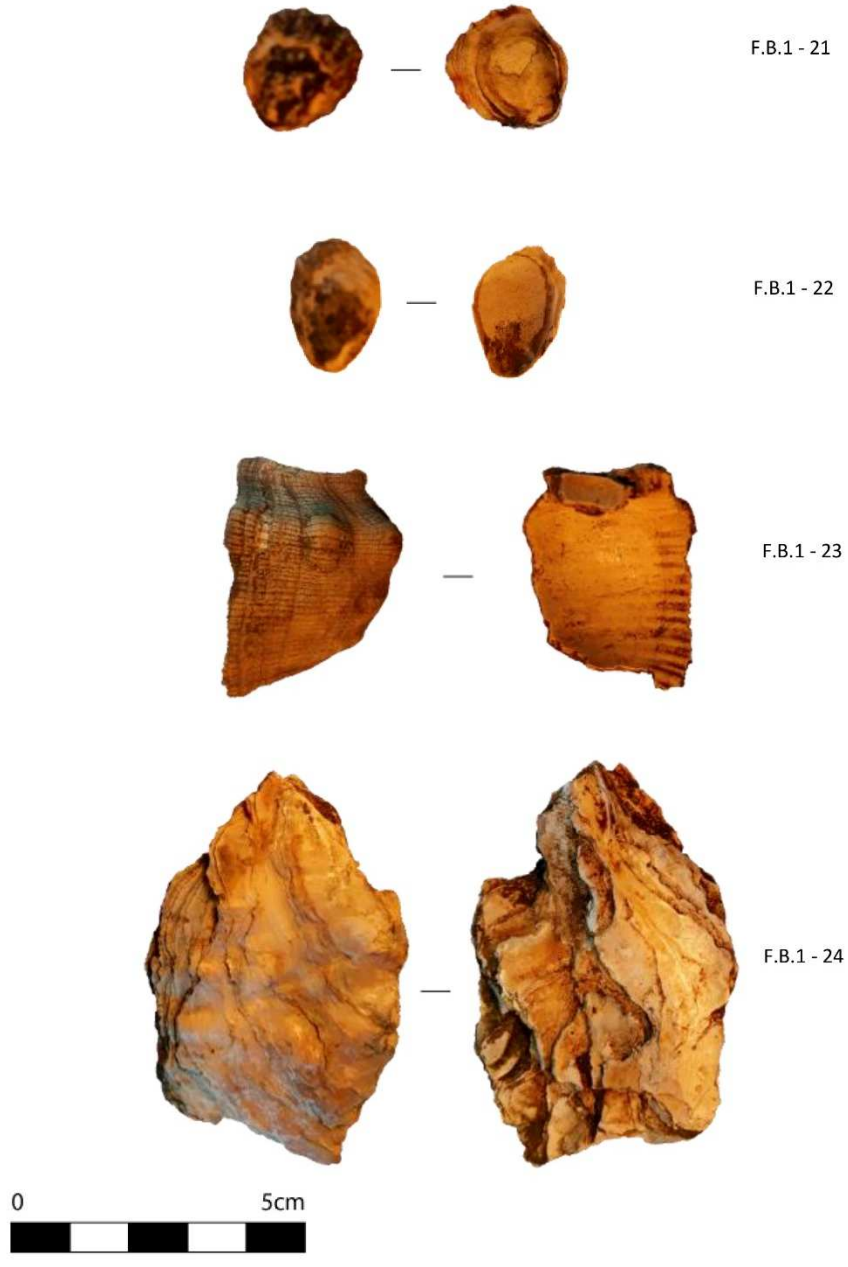



Tabela 6 – Fauna Malacológica